



## APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS: UM ESTUDO SOBRE AS TEORIZAÇÕES DE STEPHEN BALL E MICHEL FOUCAULT

Jeice Campregher<sup>1</sup>  
Cássia Ferri<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo corresponde a uma pesquisa bibliográfica que tem o objetivo de apreender aproximações possíveis entre as teorizações de Stephen Ball e Michel Foucault. Mais especificamente, em relação a dois aspectos: (a) quanto à forma de exercer a liberdade intelectual em suas discussões/investigações e (b) quanto às relações de saber-poder. Para isso, busca em diferentes obras dos autores, contribuições teórico-metodológicas que possam apresentar convergência e confluência. Trata-se de um olhar entre outros possíveis para conceitos tais como: saber-poder, redes, subjetividades, mobilidade e cuidado de si. A partir dos conceitos e excertos discutidos, foi possível apreender diferentes aproximações. Em relação à postura intelectual, ambos arrogam para si a liberdade de não apontarem limites ou definir uma só forma de analisar os fenômenos; além de compreenderem suas teorias como *caixa de ferramentas* disponíveis a outras investigações. Em relação ao saber-poder, compreende-se que se aproximam ao analisar as mobilidades, as redes, localidades, participações multifacetadas, as mudanças de identidade/subjetividade e, ainda, o exercício do sujeito sobre si mesmo; o cuidado de si.

**Palavras-chave:** Stephen Ball, Michel Foucault, liberdade intelectual, relações saber-poder.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de apreender aproximações possíveis entre as teorizações de Stephen Ball e Michel Foucault. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento na FURB – Universidade Regional de Blumenau. A pesquisa como um todo investiga a tradução do Novo Ensino Médio em escolas da cidade de Blumenau – Santa Catarina a partir das contribuições teórico-metodológicas de Ball; o que a vincula, portanto, às pesquisas e discussões das políticas educacionais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação; Mestre em Educação e graduada em Letras pela FURB - SC, [professorajeice@gmail.com](mailto:professorajeice@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora em Educação – Currículo. Professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau – PPGE-FURB, [cferrri@furb.br](mailto:cferrri@furb.br)



Em relação a este artigo – a referida análise dos dois autores, aqui proposta –, compreende que Stephen Ball não se vincula a um só autor ou pensamento. Ele mesmo aponta sua teoria como plural. Mainardes e Marcondes (2009) realizaram uma entrevista com Ball. Nela, ainda na apresentação do autor – antes da entrevista propriamente dita –, afirmam que “em virtude desta perspectiva pluralista, Ball utiliza contribuições de autores como Foucault, Bourdieu, Bernstein, Weber, entre outros” (MAINARDES; MARCONDES, 2009, p. 304).

Além do fato de Ball fundamentar parte de suas afirmações nos conceitos desenvolvidos por Foucault, é possível encontrar em suas reflexões aproximações implícitas. Uma delas está em não definir um lugar para si; em não se enquadrar em um compartimento de saber já delimitado. Ball, não somente na entrevista supracitada, mostra a pluralidade de suas referências. Ao longo de seus trabalhos, é possível observar inúmeros autores dos mais variados campos sendo citados. Um trabalho que destrincha cada uma dessas bases – também citadas por Mainardes e Marcondes (2009), acima apresentadas – é Rosa (2019).

Já o filósofo francês, logo no início de sua produção, ao ser definido ou delimitado por algum crítico a ele contemporâneo, costumava demonstrar as razões de não poder ser enquadrado em tal corrente ou vertente. Outras vezes, utilizava-se de afirmações mais indiretas ou nebulosas como “não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo” (FOUCAULT, 2002, p. 20).

Seja citando claramente suas referências como Ball, seja sendo escorregadio e não detido a *um lugar* de análise como Foucault, ambos deixam claro a liberdade que procuram pôr em exercício ao desenvolver discussões e como abordam objetos de interesse. Partindo dessa liberdade intelectual a qual ambos os autores arrogam para si mesmos, seria um contrassenso procurar validar as ideias de Ball nas concepções foucaultianas.

Ball afirma ter diferentes bases e que não se considera adepto a uma forma de pensamento. Não parece buscar uma “pureza epistemológica” ou uma só corrente de pensamento. Quando questionado sobre esse item, responde apontando a naturalidade com que utiliza de diferentes teorias e formas de compreender. Afirma que o mundo é dinâmico e, portanto, convoca diferentes saberes (MAINARDES; MARCONDES, 2009;



MAINARDES, 2015). Já Foucault, em *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 1966), um dos seus primeiros trabalhos, faz provocações acerca dos critérios de validação da verdade. Em específico, ao fato de que, ao ser enquadrado em alguma área do conhecimento, então, as afirmações podem alcançar o status de “verdade”.

Tal ideia é, adiante, sistematizada em *Arqueologia do Saber*, ao afirmar que a inscrição (ou não inscrição) em um dispositivo é que vai determinar se à frase é possível (ou não) “atribuir um sentido, uma proposição que se pode receber ou não um valor de verdade” (FOUCAULT, 2002, p. 105). Por essa razão, o empreendimento aqui não poderia ir de encontro ao que Ball e Foucault concebem.

Até aqui, dito foi o que não se espera realizar. Este estudo se apara em problematizações da epistemologia. Segundo Gamboa (2012), na ausência de discussões filosóficas, as investigações podem deter-se a definir um método a ser seguido perfeitamente; como se o procedimento garantisse a qualidade do resultado. Para ele, a epistemologia pode contribuir com a superação desse reducionismo nas investigações.

Dar ênfase a uma interlocução – Ball/Foucault – não desmerece as outras referências de Ball. Trata-se de um recorte, de puxar um fio – a confluência dos dois autores – dentre outros fios condutores possíveis – estabelecendo aproximações com outros autores. Na seção seguinte, são apresentados alguns delineamentos deste trabalho.

## **METODOLOGIA**

Este artigo tem o objetivo de depreender aproximações possíveis entre as teorizações de Stephen Ball e Michel Foucault. Mais especificamente, em relação a dois aspectos: (a) quanto à forma de exercer a liberdade intelectual em suas discussões/investigações e (b) quanto às relações de saber-poder.

Este trabalho corresponde a uma pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2002), recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento na FURB – Universidade Regional de Blumenau.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ball, em entrevista a Marcondes e Mainardes (2009), reconhece que, apesar de descrever-se pluralista, por vezes, enquadraram-no como sendo foucaultiano (MAINARDES; MARCONDES; 2009). O autor afirma não ser o termo adequado por duas razões: (1) afirma que, em se tratando do método, ele é “modernista reconstruído, mais do que um pós-estruturalista” (MAINARDES; MARCONDES; 2009, p. 313) – mesmo que não defina logo após o que quer dizer com modernista reconstruído –; e (2) aponta compreender e corroborar a visão de Foucault; a de que os sujeitos não possuem lugares sociais fixos e nem mesmo ocupam um só lugar.

Ball, a partir disso, parece não se importar em beber de diferentes fontes e nem mesmo parece se importar em definir uma só metodologia ou um só prisma ao realizar suas investigações/discussões. Tal posição vai ao encontro de uma postura semelhante ao filósofo. Ball apresenta mais naturalmente suas influências. Inclusive naturalmente associa seus trabalhos ao conceito foucaultiano de *caixa de ferramentas* (ROSA, 2019). Em outras palavras, que não pretendia criar uma explicação do social; em vez disso, que prefere deixar conceitos disponíveis a outros pesquisadores que quisessem utilizá-los.

Foucault – mesmo que utilizasse a metáfora da *caixa de ferramentas* – dedicava mais tempo a defender e justificar as razões de não poder ser enquadrado em diferentes correntes de pensamento. Exemplos materiais disso: o texto Resposta ao círculo epistemológico (FOUCAULT, 2000) e a introdução de Arqueologia do Saber (FOUCAULT, 2002). Ainda que de fato não seja possível determinar seus limites teórico-conceituais, pode-se dizer que o filósofo gastou mais tempo defendendo o que *não era*; argumentando quando se via “delimitado/encaixotado” em alguma posição, na visão de algum crítico.

Voltando às aproximações – que é o foco deste trabalho – tanto Ball quanto Foucault não abrem mão dessa liberdade investigativa e metodológica – da busca constante por novos caminhos e abordagens. Ball compreende que a política segue sendo realizada e sendo alterada (em momento); novas redes, novos relacionamentos. Por essa razão, afirma que essa elaboração metodológica não pode ter fim, exatamente porque “esses novos parâmetros e essas novas localidades, formas de participação e



relacionamento requerem novos métodos e conceitos e novas sensibilidades de pesquisa” (BALL, 2020, p. 27).

Neste sentido, algo se aproxima das discussões foucaultianas. Em *As palavras e as coisas* (1966), o estilo se aproxima muito da linguagem literária; além de analisar a pintura “As meninas” de Velázquez. Em “Vigiar e Punir” (1975) há uma descrição minuciosa da estrutura do panóptico. Em “O governo de si e dos outros” (1983) retoma autores clássicos para descrever as relações entre mestre e discípulo. Pode-se dizer que Foucault prioritariamente analise livros e documentos e que Ball utilize diferentes procedimentos de coletas de materiais empíricos – etnografia, busca em sites, entre outros. Ainda assim, a questão é a abordagem é alterada de acordo com a proposição e com o objeto que pretendem investigar. Portanto, não há um método único seguido *a priori*.

Outra aproximação possível é a partir do conceito de *rede*. Para Ball (2020), a política deve ser analisada como uma *rede* (BALL, 2020, p. 27). Tal concepção, portanto, compreende as políticas educacionais para além das fronteiras, de forma global. Por entender dessa forma, aponta como base de coleta de dados diferentes fontes, tais como sites de internet – incluindo páginas de facebook, blogs e tweets; relacionados ao objeto de investigação – e entrevistas. Em Foucault, a concepção de *rede* faz parte de sua análise genealógica dos saberes-poderes. A começar pelo próprio conceito de enunciado que, para Foucault (2002, p.121, grifo nosso),

surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em *redes*, se coloca em campos de utilização [...] circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade.

Nesse sentido, ao falar em rede, compreende-se a relação saber e poder em uma trama mais complexa, portanto, solicita de quem investiga diferentes procedimentos de descrição e compreensão – para além de dualismos reducionistas como *governantes* e *governados*. Para Foucault, em sua fase genealógica, entende o poder agindo de diferentes modos em diferentes localidades/instituições. Quanto às políticas educacionais, Ball (2020, p. 27) afirma que “a política educacional está sendo ‘feita’ em novas localidades,





em diferentes parâmetros, por novos atores e organizações”. Os atores em política educacional, nesse excerto, não são sempre os mesmos e não são fixados a lugares.

Ball, ao mesmo tempo que compreende as redes globais – de discursos, práticas, estratégias, interesses – também compreende que isso afeta os sujeitos. Os processos de globalização, com foco em *mobilidades*, estabelecem relações estreitas, por um lado, com as “mudanças econômicas e políticas em larga escala; e, por outro, [com] as mudanças culturais e as mudanças de identidade e de subjetividade” (BALL, 2020, p.28). A partir disso, compreende-se que aspectos mais amplos são relacionados às subjetividades/identidades.

Em Foucault, algo semelhante é concebido. O poder – sempre ligado ao saber – tem seu sentido *positivo*. Em outras palavras, o poder é produtivo – produz algo –; o poder age no sujeito, atravessa-o e o coloca em movimento dentro de um regime de poder e verdade em determinado período histórico.

Um exemplo dessa concepção de rede, em Ball, pode ser observada quando ele cita Foucault – afirmando que, a partir dele, é possível reconhecer uma das formas de compreender a estruturação do neoliberalismo. Segundo ele, na compreensão foucaultiana, há uma forma de analisar a ação do neoliberalismo sobre as subjetividades. Nas palavras dele, tal efeito é materializado no “governo das populações por meio da produção de seres empreendedores ‘dispostos’, ‘auto-governáveis’” (BALL, 2020, p. 26). As políticas são compreendidas, portanto, em redes e são forças produtivas cujos efeitos são, também, as subjetividades.

Ball afirma compreender que a participação dos sujeitos nessas redes “são multifacetadas e [as] formas de relacionamento são variadas: atores individuais podem estar envolvidos nas redes em uma variedade de diferentes formas” (BALL, 2020, p. 29). O termo *multifacetadas* aponta para algo, novamente, complexo. A participação dos sujeitos, nessa compreensão, não é totalmente material e definida; o que exige uma análise mais sensível ao contexto e ao objeto de investigação.

Em Foucault, os discursos e os poderes são difusos, múltiplos e presentes no tecido social. Ao analisar as prisões, Foucault descreve que o lugar – a torre de observação – está consolidada; assim sendo, não importa aos vigiados *quem* está lá. O que, para



Foucault, sinaliza que, mesmo que não houvesse alguém na torre, a observação – mesmo que virtual –, já agia sobre os prisioneiros. Foucault compreende que a técnica de vigilância das prisões – o panóptico – acaba sendo utilizada para além dos muros das prisões. O panoptisno passa a “funcionar de maneira difusa, múltipla, polivalente no corpo social inteiro [...] formando uma rede de dispositivos que estariam em toda parte e sempre alertas, percorrendo a sociedade sem lacuna nem interrupção” (FOUCAULT, 1987, p.172).

Como último ponto de convergência a ser apresentado neste trabalho, está o conceito foucaultiano de *cuidado de si*. Em Foucault, o “o cuidado de si oferece subsídios de análises quanto às práticas políticas [...] naquilo que repercute, ao mesmo tempo, em um governo de si e/ou governo dos outros” (GOMES; FERRI; LEMOS, 2018, p. 189). O *cuidado de si* é um exercício de liberdade. Ainda que existam forças coercitivas, há a possibilidade de não ser inteiramente determinado por elas.

Esse conceito é retomado em Ball em um sentido mais específico desse *cuidado*. A partir dele, discute a ação docente em relação ao que chega às escolas; retomando a compreensão de que os sujeitos são governados pelos outros e por si mesmos (governamentalidade). No contexto escolar, isso pode ser percebido

quando o professor começa a buscar respostas para as perguntas relativas a sobre como o poder age nele e ao redor dele, em suas crenças e práticas; nesse momento, vêm à tona as relações de poder que o atravessam/constituem. Então começam a ter um papel ativo em sua própria autodefinição [...], a pensar em termo do que eles não querem ser e não querem se tornar ou, em outras palavras, começam a *cuidar de si mesmas*. Esse cuidado também se apoia e se realiza por meio de práticas, práticas de escrita, vigilância, reflexividade e escrita (BALL; OLMEDO, 2013, p. 86, tradução nossa).

Os professores, portanto, exercem resistência e *cuidado de si* ao realizarem constantemente análise crítica de si mesmos – de suas crenças e práticas – e das relações de poder *nele e ao redor dele*. De forma bastante pertinente e bem articulada, Ball consegue extrair de um conceito filosófico uma pertinente e poderosa contribuição à área de educação.



Vale ressaltar que um ano antes dessa discussão específica do cuidado de si, já era possível perceber a discussão do papel ativo dos sujeitos em relação às políticas educacionais. No livro *Como as escolas fazem as políticas* (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016), há a compreensão de que as políticas não são *postas em prática*, de forma fria e robótica. Antes, são interpretadas e traduzidas pelo corpo escolar de acordo um conjunto de fatores daquele contexto. Na *tradução* das políticas a uma realidade específica, compreende-se o papel ativo dos sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apreender aproximações possíveis entre as teorizações de Stephen Ball e Michel Foucault. Mais especificamente, em relação a dois aspectos: (a) quanto à forma de exercer a liberdade intelectual em suas discussões/investigações e (b) quanto às relações de saber-poder.

Em relação à forma de exercer a liberdade intelectual, os dois autores arrogam para as suas discussões/investigações a liberdade de não serem limitados por fronteiras impostas. Ball em utilizar e reconhecer diferentes fundamentações para suas produções, reflexões e métodos empregados. Foucault, ao defender seu direito de não fixar seus ditos e escritos a tentativas de delimitações realizadas por seus críticos. Da mesma forma que ambos não chegam a uma verdade última, mas preferem lançar mão da metáfora da *caixa de ferramentas*. Compreendendo que suas discussões e pesquisas podem oferecer ferramentas a outras perguntas e a outros propósitos.

Quanto às relações de saber-poder: por ambos os autores terem uma vasta produção, não é possível generalizar, afirmando que definem saber-poder de uma só forma *em todas* as suas discussões. As compreensões aqui feitas são a partir dos trabalhos utilizados na seção anterior, a partir dos excertos trazidos à discussão.

Caso fossem outros trabalhos e outros excertos dos mesmos autores, ainda assim, poderiam ser outros os sentidos – próximos ou antagônicos. No presente olhar a esses recortes, ao falar em subjetividades, Foucault e Ball não definem lugares fixos. Ao contrário, falam em localidades, participações *multifacetadas* e mudanças de identidade/subjetividade. Também é possível apreender a relação saber-poder de forma produtiva – produz efeitos variados, fluindo em redes e na constituição de subjetividades





dentro da lógica (saber) e do esperado (condução de condutas/governamentalidade/poder). A ênfase não está no *quem*, mas no *lugar ocupado* por alguém. Esse *lugar*, por sua vez, compreendido em um contexto, uma organização, dentro de lógicas de rede. Nesses contextos, ao mesmo tempo que o sujeito é interpelado e atravessado por saber-poder, ele também analisa o que o constitui (cuidado de si).

Por fim, é necessário apontar para inúmeras outras possibilidades dialógicas entre esses autores – e desses com outros autores. Nesses diálogos, o campo educacional e as pesquisas amplificam a potencialidade de conceitos/contribuições teórico-metodológicas apontarem para outras perguntas e outras práticas.

## REFERÊNCIAS

BALL, S. **Educação Global S. A.:** novas redes políticas e o imaginário neoliberal. 23.ed. Ponta Grossa: UEPG, 2020.

BALL, S. J.; MAGUIRE, M; BRAUN, A. **Como as escolas fazem as políticas:** atuação em escolas secundárias. Tradução de Janete. Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.

BALL, S.; OLMEDO, A. Care of the self, resistance and subjectivity under neoliberal governmentalities. **Critical Studies in Education**, 54:1, 85-96, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/271927627\\_Care\\_of\\_the\\_self\\_resistance\\_and\\_subjectivity\\_under\\_neoliberal\\_governmentalities](https://www.researchgate.net/publication/271927627_Care_of_the_self_resistance_and_subjectivity_under_neoliberal_governmentalities)> Acesso em 20 de jul. 2020.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 2002.

FOUCAULT, M. Resposta ao círculo de epistemólogos. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos II** - Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação:** métodos e epistemologias. 2. ed. Chapecó/SC: Argos, 2012.

GOMES, M. M.; FERRERI, M.; L., F. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 189-195, Aug. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922018000200189&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922018000200189&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 Oct. 2020.



MAINARDES, J. Entrevista com o professor Stephen J. Ball. **Olhares: Revista do departamento de Educação da Unifesp**, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/432> > Acesso em 25 set. 2020.

MAINARDES, J.; MARCONDES, M. I. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 303-318, abr. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302009000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 02 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000100015>.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ROSA, S. S. Uma introdução às ideias e às contribuições de Stephen J. Ball para o tema da implementação de políticas educacionais. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, v. 4, p. 1-17, 2019. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/retepe/issue/view/642>>. Acesso em set. 2020.